

O silêncio e a penumbra: infância entre Fernand Deligny e René Schérer¹

Eder Amaral

No lugar do direito à palavra, inscrevo o direito de calar a boca.
Fernand Deligny, O direito ao silêncio

[...] não queremos expor a constelação à plena luz, e sim deixá-la à propícia penumbra.

René Schérer e Guy Hocquenghem, Coir, álbum sistemático da infância

Prólogo

O clima das lutas em torno da liberdade sexual na França dos anos 1970 tornou possíveis variações de temperatura que parecem impen-sáveis neste *inverno securitário* que ainda nos atinge e talvez demore a passar, como já temia Félix Guattari trinta anos atrás². No que toca à infância, muitas das ideias e discussões mais acaloradas daquele período podem ser folheadas nas páginas encardidas de uma revista

1 Ensaio escrito por ocasião do Encontro Internacional Fernand Deligny – com, em torno e a partir de tentativas, realizado de 25-27 de agosto de 2016, no Rio de Janeiro (PUC-Rio/Base Dinâmica). Agradeço a Marlon Miguel pelo convite e, especialmente, a Noelle Resende e Thalita Lima, pela interlocução e indicações que deflagraram o impulso para este texto desde a Jornada Fernand Deligny: A arte da tentativa, realizada sob a direção das professoras Heliana Conde (UERJ) e Adriana Rosa (UFF), em 04 de dezembro de 2015 (UFF, Campus Gragoatá, Niterói-RJ).

2 GUATTARI, 1986/2009.

camaleônica criada e editada por ele, revista cujas metamorfoses eram alimentadas e empreendidas por hordas e bandos vindos de toda parte. É em meio a esses volumes multicoloridos e fartamente ilustrados que me deparo com as cartas que me servem de ponto de partida para este ensaio, no qual pretendo trazer à baila algumas questões em torno da infância, suscitadas pela correspondência entre Fernand Deligny e René Schérer, ambos colaboradores contumazes da tal revista.

Emblema de uma meteorologia completamente diversa da nossa, a revista *Recherches* [Pesquisas] foi editada entre 1966 a 1982 pelo Centro de Estudos, de Pesquisas e de Formação Institucionais (CERFI), coletivo de pesquisa e intervenção institucional fundado por Félix Guattari. Congregando pesquisadores, profissionais e militantes de diversas formações e orientações políticas, o CERFI veiculou, através dos 49 números de *Recherches*, ensaios, artigos e monografias resultantes das pesquisas realizadas pelo grupo e por seus colaboradores no decurso de vinte anos de atividade. Sob diversas perspectivas, o tema da infância está presente em quase um terço destas brochuras – marcadamente até 1977, quando Isaac Joseph assina e organiza o nº 28, intitulado *Disciplinas a domicílio: a edificação da família*³. Neste conjunto, a participação de Fernand Deligny e René Schérer é digna de nota.

Deligny colabora com *Recherches* já nos quatro primeiros números da revista, além de coordenar e assinar as três edições autorais que compõem a série *Cadernos do imutável*⁴, tendo seus trabalhos comentados ou mencionados em outros números do trimestral⁵. Já Schérer tem sua primeira participação em 1973, na edição coletiva proposta pela Frente Homossexual de Ação Revolucionária (FHAR). Intitulado *Três bilhões de perversos: grande enciclopédia das homossexualidades*⁶, o polêmico e mais afamado número da revista também contou, entre seus

3 JOSEPH; FRISCH; BATTEGAY, 1977. (No corpo do texto, optei por traduzir os títulos de algumas obras estrangeiras não disponíveis em edição brasileira, apenas para dar fluidez à leitura. Os títulos originais podem ser consultados na bibliografia detalhada, ao final).

4 DELIGNY, 1975/2007b; 1975/2007c; 1976/2007d.

5 MICHAUD, 1969; SCHÉRER; HOCQUENGHEM, 1976.

6 HOCQUENGHEM; CRESSOLE; QUERRIEN, 1973.

signatários, com a colaboração de Jean-Paul Sartre, Jean Genet, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Georges Lapassade e Guy Hocquenghem, que coordenou os trabalhos desta edição. (A história do processo judicial que condenou Guattari a pagar uma multa – além da apreensão dos exemplares – é mais conhecida do que as páginas que causaram o escândalo da justiça). Em coautoria com Hocquenghem, Schérer publicará três anos depois o provocante número 22: *Coir, álbum sistemático da infância*⁷, sobre o qual François Châtelet (amigo e colega de Schérer em Vincennes) dirá, com precisão, tratar-se de “um hino pagão de uma pureza insolente”⁸. Schérer e Hocquenghem colaboraram ainda no número seguinte, coordenado por Anne Querrien⁹.

De um lado, a experiência do asilo e das tentativas de constituir um modo de vida comum com crianças mutistas que põem em xeque a linguagem e a nossa imagem da humanidade. Do outro, um pensamento das atrações passionais e da exterioridade da infância às instituições que a configuram, isto é, uma infância avessa à imagem entronizada pelas disciplinas de toda ordem. Entre um e outro, a infância ganha os contornos de uma existência que só se torna pensável sob a companhia de tudo aquilo que é estrangeiro à sua normalização, tudo aquilo que dissolve a silhueta da criança de família, de escola, de Estado. Uma infância exterior aos compromissos que a tornam objeto de tutela, de monitoramento, de chantagem, de dupla captura e, paradoxalmente, de infantilização. Cada um ao seu modo

e em diferentes planos, um e outro empreendem, no limite, o esboço desse ídolo bem pensante e conciliador que nos recobre a todos, ao qual chamamos convictamente de infância. Ponto comum cujas singularidades e dissensos nos cabe acompanhar quando algo em nós impele menos aos problemas da infância do que à infância, ela mesma, como problemática, inquietante, perturbadora. Se há um combate entre Deligny e Schérer, de modo algum ele se passa na arena das idiosincrasias autorais (proprietárias) de um presumível “concei-

7 SCHÉRER; HOCQUENGHEM, 1976. Trad. brasileira no prelo.

8 CHÂTELET, 1976.

9 QUERRIEN; SCHÉRER; HOCQUENGHEM, 1976.

to de infância”. Trata-se de um confronto que evidencia muito mais como cada um deles, em suas vidas e obras, se lança a formular *modos de arruinar* esse apelo à adesão do par conceito-verdade, seja pela *via terrena* de Deligny, dessa pragmática infinitiva das linhas traçadas com crianças sem futuro e sem projeto, seja pela *via sideral* de Schérer, cujas constelações aberrantes e atrações passionais nos convidam a compor uma estética pueril.

Aqui, pretendo me situar no ponto em que estas vias instauram um paradoxo, a saber, aquele que passa entre as *tentativas* de Deligny com essas crianças inadaptadas e a *aposta no impossível*¹⁰ feita por Schérer e seu pensamento da infância. Quero chamar a atenção para as divergências entre estas duas perspectivas no que concerne ao problema da prazer entre aquelas crianças e suas *presenças próximas*. Tomarei como ponto de partida a correspondência mantida entre eles e Isaac Joseph em 1975, na ocasião do lançamento dos primeiros livros de Deligny editados por Joseph. Não pretendo aqui descrever ou confrontar as obras que as motivaram, tampouco passar em exame a íntegra destas cartas, pois isso exigiria mais tempo do que dispomos agora; quero apenas pôr em relevo e situar a interlocução suscitada entre seus autores pelas tensões que os atravessam no que concerne à relação entre desejo, prazer e infância, no intuito de situar, a partir da própria leitura das cartas, o paradoxo que percorre as correspondências entre Schérer e Deligny. Como um e outro poderiam dizer, não se trata de asseverar o verdadeiro, mas de encontrar *cúmplices*.

Ir até o fim

Um ano antes de escrever estas cartas a Isaac Joseph, René Schérer publicara *Emílio pervertido*, um libelo contra o puritanismo e a vigilância sexual na educação. Mapeando a perversão do “sistema da infância” inaugurado pela ficção pedagógica de Rousseau, Schérer também antecipa em alguns meses a recuperação de Bentham por Foucault. Sempre que o interrogam a respeito desta convergência entre *Emílio pervertido* (1974) e *Vigiar e punir* (1975) Schérer reitera que, naquela

10 Fórmula que batiza um dos seus livros sobre o pensamento de Fourier (SCHÉRER, 1989).

época “estas ideias estavam no ar”¹¹. Nessa atmosfera, foram realizados os mais diversos esforços no intuito de desfazer a trindade simbiótica entre *infância, família e escola*, sob a qual se experimentaram outras maneiras de pensar, conviver e se relacionar com as crianças. A correspondência entre Schérer, Joseph e Deligny respira os ares dessa circunstância.

O que leva Schérer a endereçar a primeira carta a Joseph? Antes de tudo, a impressão que lhe causara a leitura de *Nós e o inocente* (1974) e do primeiro volume dos *Cadernos do imutável* (1975). As páginas destes livros reúnem textos e imagens dos primeiros anos da tentativa de Cévennes com crianças mutistas, inadaptadas, “aposentadas de nascença”, como Deligny teria dito em seu *Diário de um educador*. Livros cuja leitura deixam Schérer admirado, mas também incomodado. Ele admite na primeira carta: “o que me irrita (maneira de falar à distância sobre uma vida que ignoro) é a desconfiança que ‘vocês’ [Joseph / Deligny] parecem nutrir em relação ao afeto, ao sexual em sua expressão literal – seja da criança, seja dos investimentos dos adultos”¹². O autor de *Emílio pervertido* alerta para a estranha vizinhança entre uma presumida “elisão do afeto e do sexo” em Cévennes e aquilo que ele mesmo pudera denunciar como cinismo na condenação do prazer entre educadores e educandos.

Atraído pelas redes, trajetos e errâncias constituídas por crianças e adultos, mas também por coisas, animais, a natureza, Schérer não compreende porque justo o “encontro dos corpos” geraria suspeita numa experiência de convívio, ao seu ver, transgressora. Evocando os contrassensos do duplo imperativo da educação negativa (“não intervir, não tocar”), o filósofo interpela Joseph: “Até que ponto o princípio de Deligny – não amar, mas ajudar – negligencia o afeto?”¹³. Pergunta que, para Schérer, implicaria uma resposta que não pode se dar ao luxo de tomar a forma do “não vamos nos meter com isso”. Pois “se posso entender que o caminho até a coisa ou à tarefa é atrativo, por

11 SCHÉRER; LAGASNERIE, 2008.

12 Schérer, carta 1, 16/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 919).

13 Schérer, carta 1, 16/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 919).

que o corpo [...] não o seria?” Na medida em que os relatos de Deligny evocam a mão e o toque, por que razão não haveriam de evocar suas derivas através deste território que também é corpo?

Afinal, evitar a manifestação de afeto dos adultos envolvidos na tentativa – as *presenças próximas* – em relação a estas crianças não seria uma espécie de repressão semelhante àquela que as instituições tutelares já realizam? O que distinguiria esta elisão do afeto e do sexo daquela testemunhada nas famílias, nas escolas, nos asilos? A desmobilização permanente dessa energia passional seria capaz de fazê-la desaparecer da rede? Tais são as questões de base desdobradas do conjunto das cartas de Schérer, que mais de uma vez circunstanciam seus questionamentos ao fato de ignorar “tudo da questão”, por jamais ter visto “crianças deste gênero”. Inspirado ou não pela *incompetência absoluta*¹⁴ desejada por Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo*, Schérer não pretende teorizar sobre as tentativas de Deligny, e sim transitar nessa zona penumbrosa tecida pelos corpos na rede de Cévennes.

Mas Schérer não se contenta em declarar seu desconforto com o “anti-erotismo” dos relatos de Deligny. De fato, este é apenas um ponto de partida para uma série de questões que ele dirige a Joseph no conjunto das cartas que lhe envia. Se o perigo é a sujeição das tentativas à linguagem e à relação familiarizante entre crianças e *presenças próximas*, Schérer questiona se não há nisso um quê de “temor” da perversão (das crianças e da própria tentativa) pelo livre curso da atração

entre estes corpos que vagam pelas *áreas de estadia* sem propósito, sem finalidade mas, ao mesmo tempo, visados nas estratégias empregadas pelos adultos no sentido de neutralizar a emergência de possíveis *tensões eróticas* nas rede.

Para Schérer, esta diligência das *presenças próximas* em dispersar a atração física, mesmo que justificada pelo combate à vinculação e de-

14 “Somos ainda demasiado competentes, e gostaríamos de falar em nome de uma incompetência absoluta. Alguém nos perguntou se já tínhamos visto um esquizofrênico; não e não, nunca vimos” (DELEUZE; GUATTARI, 1972/2010, p. 504, grifos nossos).

pendência afetiva entre uns e outros, colocaria três problemas: 1º) O interesse destes adultos em “apenas ajudar” estas crianças não portaria um não-dito resultante do ocultamento das implicações do investimento libidinal dos próprios adultos na tentativa?; 2º) A ruptura do afetivo e do erótico em relação a estas crianças seria suficiente para torna-las refratárias à toda ordem de demanda? Consequentemente, isto não seria também uma espécie de punição?; 3º) A suspeita em relação ao sexo não estaria sustentada nas mesmas bases da moral que condena o prazer sexual, sobretudo se ele se insinua em crianças que não dispõem de “responsabilidade” sobre seus próprios corpos? Três questões que inflamam a correspondência, aglutinadas por uma das mais provocantes teses de Schérer: ainda que se tolere aqui e ali o ímpeto da criança em tocar seu próprio corpo, “todo mundo sabe que não é aí que está o problema, e que o perigo é o contato ou o choque da sexualidade adulto-criança, e que por trás do fantasma do pedagogo está sempre a pederastia, da qual, contudo, ele se origina”¹⁵.

Estando de acordo com *quase tudo* que orienta a tentativa de Cévennes (desvio em relação ao império da linguagem, da alienação familiarizante, da institucionalização da infância etc.), Schérer se interessa mais pelo rumor que põe em questão “o corpo, o jogo dos corpos, o tato-cio, a orgia, convocadas pela natureza, pela água, pelos espaços de errância que fazem renascer a criança a si mesma e [...] também aos outros, fora da disciplina, das contas a prestar e da vigilância”¹⁶. Embora saiba que as crianças de Cévennes não dispõem de um “si mesmo”, vacantes de linguagem, de vontade e de projeto, Schérer considera que tudo isso só reforça a ideia de que elas são “pura manifestação”, talvez a forma mais concreta daquilo que Guattari entendera por “bloco de infância”.

Isso não significa que Schérer pense ser necessário *tudo revelar*, mas o que o espanta é aquilo que, ao seu ver, constitui uma negligência inexplicável naqueles que, certamente, ele considera aliados na luta contra a moralização da infância. Entretanto, diz ele, uma coisa é agir

15 Schérer, carta 3, 19/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 921).

16 Schérer, carta 3, 19/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 921).

contra a chantagem afetiva e a alienação; outra é a prontidão a sabotar situações em que estas crianças e suas *presenças próximas* eventualmente *se aproximam, se tocam, se emaranham...* Dirá Schérer: “para mim, na prática isso quer dizer que, ao nível do corpo, a relação pode muito bem ‘ir até o fim’ sem que seja reintroduzido o círculo vicioso da demanda afetiva”¹⁷. No post-scriptum que redige dois meses após o fim dessa correspondência com Joseph e Deligny, Schérer insistirá sobre este ponto, ressaltando que, da sua perspectiva, não se trata de forjar um ambiente artificial em que a institucionalização do afeto rondasse a criança autista, mas de destravar o fluxo das atrações passionais que fazem dos corpos mesmos referências, balizas, ligamentos da tentativa. Numa palavra: não a “fortaleza vazia” (Bettelheim), mas um “pivô passional” (Fourier) da rede, na qual Schérer parece vislumbrar um lampejo de falanstério pós-Maio, uma experiência de liberdade em que não seria um problema “ir até o fim”. Ir até o fim, quando *ir* não indica tanto direção quanto movimento; ir até o fim, quando o *fim* não remete à intenção, mas ao desmanchamento dos bloqueios da responsabilidade, afirmação de um contentamento impessoal que emerge do jogo dos corpos. Assim como Jean Genet em relação à criança criminosa¹⁸, Schérer recorda que Deligny declara abertamente estar “do lado” dos autistas, “com eles”. Cumplicidade absoluta com um modo de existência tão distinto que, por vezes, implica a transformação radical do modo de existir daqueles que o acompanham, que se avizinham e com ele passam a viver. Sendo assim, pergunta o filósofo, *o que haveria de mal em desfrutar dessa companhia?*

Vejamos o que diz o destinatário destas questões.

Elas sabem o que fazem

Joseph nega qualquer investimento da tentativa numa observação distanciada, vigilante, dos adultos em relação às crianças em Cévennes: “Deligny se abstém de observar e ninguém observa por lá. Talvez porque não haja nada e, de qualquer modo, ninguém para observar”¹⁹. Reforçando a posição de guerrilha instaurada pela tentativa de tra-

17 Schérer, carta 5, 23/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 923).

18 GENET, 1949/2016.

19 Joseph, carta 2, 17/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 919).

mar essa rede entre crianças, camponeses, voluntários e visitantes, o sociólogo lembra que, para Deligny e para aqueles que são *presenças próximas*, Janmari é seu “chapa” [pote], seu conviva, seu parceiro – evidentemente, não no sentido personalista do “contrato sexual”, e sim no que a parceria tem de camaradagem, companheirismo, disponibilidade. Isso importa para Joseph como um ponto de partida para situar Schérer quanto ao que baliza as relações entre estas crianças e os adultos com as quais convivem. Assim, não se trataria de negar nada, mas de conjurar e ativamente debelar tudo o que ameaça reconduzir à fixação alienante e o jogo de demandas entre uns e outros. Nisso, o que seria investido sobre os chapas? Joseph diz não saber nada a respeito, endereçando a questão diretamente a Deligny.

No que diz respeito à irritação de Schérer, Joseph não se incomoda em admitir que, de algum modo, ela procede. “Elisão do sexo, do afeto”? ... Sem dúvida. Não fazemos uma discussão à mesa quando Janmari ‘se’ toca”²⁰. Trata-se de evitar que a criança se torne um caso – com suas repercussões familiarizantes, mas também amorosas, na medida em que tudo o que provém das vinculações afetivas se mostraria potencialmente doloroso para essas crianças. Evitar o vínculo, não para fazer da criança objeto de vigilância distanciada, “mas para retirar a cadeira sobre a qual se sentaria o pedagogo”²¹, diz o guerrilheiro de Cévennes.

Elisão, sim, mas não proibição. Joseph faz questão de dizer que, se há interdição na rede, ela não incide sobre o corpo, e sim sobre a “pessoa”, resíduo de linguagem que nada teria a ver com a tentativa, cuja busca, diz Deligny, não visa qualquer reflexividade subjetiva nesses mutistas, e sim o “uso desse corpo presumido como seu, mas que não é menos comum a toda a espécie, quaisquer que sejam, além disso, as nuances moduladas pelas culturas languageiras”²². Uso desse corpo por essa criança siderada em relação a ele, um uso sem paralelo entre nós. Joseph diz a Schérer que, se algo aí tangencia o sexual, não

20 Joseph, carta 2, 17/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 920).

21 Joseph, carta 2, 17/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 920).

22 DELIGNY, 1975/2007a, p. 693.

caberia às *presenças próximas* qualquer protagonismo: “simplesmente nós não a provocamos. Porque assim ela se tornaria, por si mesma, disciplina. Você deve saber algo a respeito estando em Vincennes”²³. A provocação de Joseph diz respeito ao furor estudantil pela liberação sexual no pós-Maio de 68, que fazia fervilhar a Universidade Experimental de Vincennes (na qual Schérer lecionava). Uma vez que a rede se orientaria, segundo ele, não só pelo desvio em relação à linguagem, mas também quanto ao tipo de relação dessas crianças com os adultos, o editor de Deligny não quer deixar confusão sobre este ponto: “A função desta disciplina é clara, creio eu: trata-se de não se deixar apegar, porque isso seria aceitar o registro da interlocução, capturado num jogo de demandas sem fim, não aquelas do garoto, mas aquelas de sua *presença próxima* (“Minha relação com...”, “meu desejo de...” etc.). Logo, trata-se menos de colocar o garoto à distância – ele mesmo a mantém – que de desvencilhar o adulto. Em hipótese alguma o garoto deve tornar-se seu caso. É por isso que, percebido o apego de um adulto, sugere-se que o menino perambule de um lugar a outro, o que o permite, por isso mesmo, não se deixar confinar num quadro de referências rígidas”²⁴.

Joseph quer nuançar a diferença entre proibir e “deixar em paz”. Ainda que isso não resolva nada ao olhar de Schérer, ele pretende não perder de vista que essa criança não é nem objeto, nem caso, nem bandeira, nem mestre, isto é, que toda relação que desemboque nisso será imediatamente suspeita, passando a ser evitada, desviada pelas *presenças próximas*. A título de exemplo, o editor cita uma cena cotidiana da tentativa: “Janmari se aproxima de mim regularmente, esbarra em meu ombro com sua mão quando estou perto dele; o que você quer *dizer* desse comportamento? Não que não haja nada a dizer dele, mas porque você o interpretaria como demanda amorosa mais do que como ritual de exploração?”²⁵. Em todo caso, ao seu olhar, nada indica que a rede se inspire em qualquer comunitarismo puritano, “de tipo chinês” – como diz Schérer numa de suas cartas. Joseph é incisivo

23 Joseph, carta 2, 17/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 920).

24 Joseph, carta 2, 17/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 920).

25 Joseph, carta 4, 20/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 922).

na contraposição: essa rede faz funcionar “outra coisa”, na qual toda demanda da criança, se é que existe, é *inocente*. Joseph não se detém sobre a palavra – controversa para Schérer –, apenas adverte seu correspondente: “evidentemente, não basta olhar. É todo um trabalho, trabalho de chinês”²⁶.

Comparando as ideias de Deligny à perspectiva ativista de Guy Hocquenghem, Joseph confirma não haver muita vizinhança entre um e outro: o chapa autista não é a criança desejante. Até aí, as cartas parecem indicar um contraste crescente entre o discurso da sexualidade infantil e os relatos da tentativa. Diz ainda: “de repente faz-se de todo jogo de corpos um discurso e ao fim se desemaranha tudo isso no psicólogo, no psiquiatra ou no psicanalista”²⁷.

Face às perambulações, transumâncias e desvios que fazem Schérer ensinar um ponto comum entre seu pensamento e o de Deligny, Joseph considera haver também projeções e mal-entendidos, resultantes do embate entre a “psicanálise subjacente” às questões de um filósofo e a “militância diligente” de um guerrilheiro. Entretanto, o tom irônico de Joseph é também aquele que acena ao correspondente com uma piscadela de chapa: “No que se refere ao sexo, elas [as crianças] são bastante silenciosas. Elas sabem o que fazem”²⁸.

Uma tentativa não é uma utopia

As cartas de Schérer chegam a Deligny encaminhadas por seu editor. A partir disso, ele escreve duas cartas que endereça não àquele que o

questiona, mas sim ao próprio Joseph. Irreverente, Deligny joga com as palavras como que para fazer evadir da sua réplica tudo que ela possa abrigar de esclarecimento ou justificativa: “Quando se trata de responder, você bem sabe que o que eu posso ‘botar’²⁹ em troca de

26 Joseph, carta 4, 20/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 922).

27 Joseph, carta 4, 20/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 923).

28 Joseph, carta 2, 17/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 920).

29 Deligny faz aqui um trocadilho com o verbo répondre (responder), suprimindo seu prefixo para dar passagem ao duplo sentido de pondre (pôr, botar ovos, mas também “produzir”, “redigir um texto”).

uma questão raramente me orgulha”³⁰.

Tendo lido o conjunto das cartas trocadas entre os dois, Deligny admite sua inapetência em relação àquilo que aglutina a correspondência. “Eu (mal)trato o afeto, a pessoa, a sexualidade, a liberdade e tantos outros vocábulos dessa envergadura por *ídolos ideológicos* [...] Aqui não há inter-dito sobre estes temas. ‘Tudo isso’ não é formulado, não entra no acordo inevitável e necessário para manter a coerência do projeto comum, que de modo algum pretende resolver esses PROBLAMAS”³¹. A rede não tem nada a “problamar”. “Talvez seja aí que se esclareça que uma tentativa não é uma instituição”³², diz ele. Talvez porque seu modo de funcionar, de existir, implique em “passar batido” por estas questões, cujo risco, no seu entender, é o falatório sentimental que nada tem a ver com a tentativa. Diz ele a Joseph: “E eu aqui suspeito de pensar que a sexualidade é ‘má’. Nem mais, nem menos que os sentimentos. Nem mais, nem menos que a linguagem”³³.

O rechaço de Deligny, sua esquivia em relação a discursividade do afetivo, do sexual à freudiana, ou mesmo do corpo infantil desejante preconizado por Schérer, não ignora as distinções entre uma e outra perspectiva, mas nem por isso parece acreditar que elas precisem ser contempladas no cotidiano da rede: “se eu falo em nome de tentativas sucessivas que, durante esses trinta e cinco anos, têm ricocheteado desde a mesma ‘posição’, é bastante verdadeiro dizer que eu não sei muito bem o que responder, não que eu negligencie ou desdenhe essas COISAS, mas os garotos que chegam aqui [...] esses seres-aí que me chegam, débeis, problemáticos, psicóticos, a-sociais e tudo o mais que quiserem, são pensados, situados como crianças autísticas desta tentativa, ‘guerrilheiros’ de uma empreitada comum que tem seus

30 Deligny, carta 6, 20/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 924).

31 Deligny, carta 6, 20/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 924). No original, PROBLAIMES. Deligny se aproveita da homofonia com *problèmes* (problemas) para fazer um trocadilho em que aparece a forma indicativa do verbo *aimer* (amar, gostar). Apesar da impossibilidade de preservar esta homofonia em português, e não obstante a estranheza, decidimos pela forma mais aproximada da palavra escrita.

32 Deligny, carta 6, 20/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 925).

33 Deligny, carta 7, 24/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 925).

próprios rigores”³⁴. Em todo caso, diz Deligny, “não SE acaba nunca de lhes enfiar patifarias num rosário verdadeiramente interminável, laidainhas de convivência a respeito das quais me proponho a dizer que Janmari é totalmente *inocente*”³⁵. “Inocência” igualmente advogada por Joseph, mas que remete Schérer à “camaradagem grosseira” da mais pudica educação, com todos os efeitos de vigilância e culpabilização que isso acarretaria, se aplicado nos mesmos termos a Cévennes.

Como foi dito, a rede tem seu próprio rigor, sua disciplina. Deligny pergunta a si mesmo: “Eles precisam dela? De qualquer maneira, ela precisa deles, por um tempo, esse tempo da ‘travessia’. Tão logo ELE deixe de precisar dela (a tentativa), ele se desengancha, desaparece e, provavelmente, SE encarregará das suas próprias iniciativas, ‘próprias’ no sentido de que elas não são de modo algum nossa propriedade, e que eles não nos veem mais”³⁶. O chapa – que aos ouvidos de Schérer soa como uma evasiva à incontornável relação afetiva constituída entre estes corpos em travessia – é, para Deligny um basto, um curinga (o dicionário diz que em Pernambuco e Alagoas, “curinga” é também um modo de dizer jangadeiro, moço de jangada...). Mas o chapa, o curinga de Deligny – nesse intrincado jogo de cartas, de corpos, de correspondências – não se pretende substituto, e sim perturbador de toda disposição personalista, identitária: “‘Chapa’: o ‘companheiro’, isso existe, e seria apenas aquilo que há nos pássaros e outras espécies animais, nem irmão, nem irmã, nem pai, nem mãe, nem macho, nem fêmea, e talvez um pouco de tudo isso ao mesmo tempo, além de outras coisas”³⁷.

Não é apenas às armadilhas da linguagem que Deligny se esquivava. A “psicanálise subjacente” às cartas de Schérer, assim reconhecida por Joseph, também o faz entrever os perigos de qualquer suposição de reciprocidade entre presenças próximas e crianças da rede. Para Deligny, chamar essa criança de chapa não é um subterfúgio, uma sublimação: “Eu não mamei [têté] o vocabulário da psicanálise no alvorecer dos meus apetites culturais. Mas continua sendo verdade que eu difi-

34 Deligny, carta 6, 20/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 924).

35 Deligny, carta 6, 20/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 925).

36 Deligny, carta 6, 20/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 924).

37 Deligny, carta 7, 24/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 925).

cilmente me preocupe com a ‘relação recíproca’. Não vejo porque eu iria me trancar dentro disso, quero dizer, a reciprocidade, que prova ser, muito frequentemente, uma ilusão assombrosa”³⁸.

Estas palavras de Deligny parecem não se deter ao plano do comentário de um ou outro ponto das cartas de Schérer. Por um efeito que a própria leitura da correspondência produz em seu conjunto, o desinteresse de Deligny pelo que concerne às reciprocidades resvala, por um lado, no próprio desencontro entre estas duas perspectivas; por outro, no que se refere à dificuldade instaurada pelas predileções que cada um deles nutre por certas palavras, certos perigos. Se a tentativa “faz miragem”, como diz Deligny, é também com certo risco de lançar quem a mira em desterro. Esquivo até mesmo ao elogio de um fourierista que vê na rede um falanstério, Deligny diz que “sem cessar, cada UM escolhe para si um ‘caminho’ em meio às miragens daquilo que lê, vê e ouve”³⁹.

Mas no que parece ser uma distância intransponível, o balanço da jangada, movida pelo vai-e-vem das cartas, permite ver sempre *outra coisa* além das posições de cada um. Na conclusão de uma destas cartas, Deligny insiste: “Que dizer além disso, senão que esse lugar, este movimento a partir do qual eu tento responder, não é lugar de utopia? Trata-se de ‘jangadas’, não de terras. Trata-se de ‘cartas’, instrumentos bricolados para conter [*refouler*] o formulado. Donde o fato de que os ídolos ideológicos não sejam reinantes aqui, porque se trata de uma pesquisa obstinada ‘de outra coisa’ que coloca em xeque, um pouco que se seja, seus poderes enfeitados com uma profusão de juridismos, sagrados ou profanos”⁴⁰. Negando que suas tentativas tenham qualquer compromisso em realizar a utopia, Deligny acaba por indicar um ponto em que estas perspectivas se cruzam, e que precisa ser considerado não apenas a partir destas cartas, mas daquilo que o pensamento de Schérer e Deligny implicam de abalo em relação às convicções que o nosso tempo estabelece em torno da infância.

38 Deligny, carta 7, 24/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 925).

39 Deligny, carta 7, 24/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 926).

40 Deligny, carta 6, 20/09/1975 (DELIGNY, 2007e, p. 925).

Mais do que para um ou outro, mas *entre eles*, ao lado das distinções e singularidades que estas cartas revelam como diferença, há *outra coisa*. *Outra coisa*, o indizível que percorre as cartas destes correspondentes e aparece nos pontos em que se torna difícil – por isso mesmo necessário – escapar às armadilhas da linguagem. *Outra coisa*, inominável, que parece interessar muito mais do que tudo o que é dito claramente, ainda que cada um o faça à sua maneira. *Outra coisa*, por fim, que só pode ser vista no *entreluzir* de uma fagulha, sobre a qual nosso único direito hoje talvez seja o de calar a boca.

Referências

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia. Trad. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1972/2010.
- DELIGNY, Fernand. Entretien avec Isaac Joseph, dossier « Le droit au silence », Libération, 10 mai 1974.
- _____. Nous et l'innocent (1975). In: _____. Œuvres. Édition établie e présentée par Sandra Alvarez de Toledo. Paris: L'Arachnéen, 2007a. pp. 672-795.
- _____. Cahiers de l'immuable 1: Voix et voir (1975). Recherches, n. 18, avr. 1975. In: _____. Œuvres. Édition établie e présentée par Sandra Alvarez de Toledo. Paris: L'Arachnéen, 2007b. pp. 796-867.
- _____. Cahiers de l'immuable 2: Dérives (1975). Recherches, n. 20, déc. 1975. In: _____. Œuvres. Édition établie e présentée par Sandra Alvarez de Toledo. Paris: L'Arachnéen, 2007c. pp. 869-941.
- _____. Cahiers de l'immuable 3: Au défaut du langage. Recherches, n. 24, nov. 1976. In: _____. Œuvres. Édition établie et présentée par Sandra Alvarez de Toledo. Paris: L'Arachnéen, 2007d. pp. 974-5 (34-5).
- _____. Correspondance [avec René Schérer et Isaac Joseph]. Cahiers de l'immuable 2: Dérives (1975). Recherches, n. 20, déc. 1975. In: _____. Œuvres. Édition établie et présentée par Sandra Alvarez de Toledo. Paris: L'Arachnéen, 2007e. pp. 919-927 (51-59).
- _____. Lettre à Isaac Joseph du 26 mars 1978. Apud: TOLEDO, Sandra Alvarez de. "Présentation" – Cahiers de l'immuable (1975-1976). In: DELIGNY, Fernand. Œuvres. Édition établie e présentée par Sandra Alvarez de Toledo. Paris: L'Arachnéen, 2007f. pp. 796-804.
- _____. Diário de um educador (1966). Trad. Thalita Carla de Lima Melo. Mnemosine, v.11, n. 1, Departamento de Psicologia Social e Institucional/ UERJ, 2015a. pp. 309-319.
- GENET, Jean. A criança criminosa (1949). Trad. Eder Amaral. Verve, n. 29, maio/2016, NU-SOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP, São Paulo, 2016. pp. 13-30.

HOCQUENGHEM, Guy; CRESSOLE, Michel; QUERRIEN, Anne (orgs.). Trois Milliards de Pervers: grande encyclopédie des homosexualités. Recherches, n. 12. Paris: Centre d'Études, de Recherches et de Formation Institutionnelles – CERFI, 1973.

SCHÉRER, René. Émile perversi ou des rapports entre l'éducation et la sexualité. Paris: Désordres-Laurence Viallet, 1974/2006.

_____. Pari sur l'impossible, études fouriéristes. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1989.

_____; HOCQUENGHEM, Guy. Co-ire, album systématique de l'enfance. Recherches, n. 22. Paris: Centre d'Études, de Recherches et de Formation Institutionnelles – CERFI, 1976.

_____; LAGASNERIE, Geoffroy. Après tout. Entretiens sur une vie intellectuelle. Paris: Éditions Cartouche, 2007.